

(21-09-2020)

Arquitetura e *design*

Emanuel Gaspar

Olá, muito boa tarde a todos, estamos aqui reunidos para falar do Funchal Cultura, outro tema, do Funchal Cultura que é arquitetura e design, que é um tema bastante pertinente, e bastante atual e importante, e para comigo tenho aqui alguns convidados ligados exatamente à arquitetura e ao design, e vou começar por apresentar aqui a Carolina Sumares, que penso que já é sobejamente conhecida, mas posso dizer que a Carolina Sumares é licenciada em arquitetura pela faculdade de arquitetura da universidade do Porto, trabalhou entre 2004-2010 na Holanda, nuns escritórios que eu me recuso a dizer o nome, são uns palavrões terríveis, se a Carolina depois quiser dizer, eu não me atrevo, fez em 2010 uma pós-graduação em civilização América, na escola da cidade, faculdade de arquitetura e urbanismo de São Paulo, Brasil. Entre 2010 e 2021 colaborou com os ateliers de Paulo Bruno arquitetos associados e Mira arquitetos em São Paulo, em 2010 fundou com..., não sei dizer holandês, estúdio 2, atelier onde atualmente desenvolve a sua atividade profissional, na ilha da Madeira. Colaborou em 2014 com a equipa editorial da representação portuguesa da décima quarta bienal de Veneza, e em 2015 foi bolsista da Fundação de Juventude, desenvolvendo um trabalho sobre, habitações de rede económica no Funchal. Em 2014 e 2020 fez parte da direção da ordem dos arquitetos da delegação da Madeira, tendo exercido funções de presidente entre 2018 e 2020.

Depois da arquitetura vamos saltar para o *design*, e temos connosco a Fedra Espiga Pinto, que nasceu em Santarém, licencia-se em artes plásticas, pintura, pela ESAD, das Caldas da Rainha em 1993. Reside na Madeira,

desde Outubro de 1994, participou em várias exposições coletivas de artes plásticas, em Santarém, Caldas da Rainha e Lisboa. Autora criativa do troféu cinema jovem para o festival internacional de cinema da Figueira da Foz, responsável criativa pelo *design* gráfico e de comunicação no diário de notícias da Madeira, e no grupo Sá entre 1998 e 2004, em 2004 funda a agência criativa *Fepdesign*, onde atualmente é diretora criativa e sócia. Apaixonada pela fotografia, desde muito cedo e com vários trabalhos expostos recentemente, entre eles o quotidiano fotografado sem perspetiva, em 2016, no Mini Eco bar, no âmbito do projeto Expo Toilet , em 2017 é nomeada pela... enfim, aqui estes nomes que também não me vou pronunciar, com o trabalho fotográfico, Patologias. Em 2018 apresenta uma projeção de imagens com textos de Maria Fernandes no concerto de jazz no Pipi Noir no Funchal, responsável pela seleção de fotografias de autor no periódico online, A Poética. Em 2019 apresenta a exposição, Ressonâncias, na Casa da Cultura de Santa Cruz, na Quinta do Revoredo, em setembro de 2020 integra a exposição coletiva de reabertura da Casa da Cultura de Santa Cruz, não sabia, grande novidade. Desde 2016 colabora na edição digital da revista Umbigo com a publicação de fotografias com poesia de Maria Fernandes.

E no *design* vamos para... para a arquitetura outra vez, para apresentar o arquiteto Manuel Rosa, que nasceu também no Norte, nasceu no Porto, em 1959, passados meses, ainda bebé, esteve onze meses na Ponta do Sol, onde aprendeu a andar, portanto, foi a sua experiência na Madeira, depois rumou a seguir a Bragança, foi outra vez para o Norte, até aos dois anos e meio, destas duas estadias não tem memória, é natural, tão pequenino, com seis anos mudou-se para Beja, onde viveu até aos doze, deslocou-se depois para Viana do Castelo, onde saiu em 1975, portanto, teve uma vida errante, qual cigano, começou então a viver naquela que tinha sido a casa de férias de então, numa praia, a sul do Porto, a sua ligação ao mar, existe desde que

nasceu. Acabou o liceu em Vila Nova de Gaia, depois de ter jogado voleibol pela seleção do liceu de Viana do Castelo, já no Porto iniciou a sua carreira de voleibol federado, depois de ter concluído o propedêutico, entrou na Escola de Belas Artes do Porto, para cursar arquitetura, terminando o curso já na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, isto é, em 1996, teve a sorte de ter sido aluno de alguns dos melhores mestres da arquitetura nacional, nomeadamente, Fernando Tabra, Siza Vieira, ou Souto Moura. Em 1987 começou a trabalhar na Câmara de Aveiro, mudando-se pouco depois para a de Espinho, era a falta do mar, não é? Ali o rio e os canais não o satisfaziam. No mês de junho de 1989 muda-se para a cidade do Funchal, que estava à procura de mais mar, que adotou como sua, a presença do mar é fundamental para o seu bem-estar. Veio para a Madeira trazido pelo voleibol, depois de ter sido campeão nacional por duas vezes, em duas equipas no Continente, e de ter sido chamado à seleção nacional por diversas vezes, deixando de jogar como federado em 1997, mas a disciplina, o trabalhar em equipa, o respeito pelos colegas e adversários, ou os seus amigos, os objetos que se marcam, foram fundamentais na formação do seu carácter. Portanto, aqui a formação também como desportista. Que não o sabia, eu ignorava pessoalmente. É um dos fundadores do Clube Carocha da Madeira, sendo sócio número um, foi presidente da assembleia geral da associação de voleibol da Madeira, durante um mandato. É sócio honorário desta associação emérita da associação de voleibol do Porto.

Na Câmara do Funchal continuou a exercer essa profissão desde agosto de 1989, com uma interrupção entre 1997 e 2010, tendo nessa altura trabalhado no gabinete privado como arquiteto sénior. Além das muitas centenas de projetos elaborados, e largas dezenas de obras realizadas com os mais variados programas, tem participado em muitas formações, congressos, assim como foi orador em três eventos organizados, também

organizou seminários, todos relacionados com arquitetura, o urbanismo, e enriquecimento pessoal, além disso, ainda participou em duas exposições, uma coletiva, e outra individual, além disso, ainda organizou eventos de caráter lúdico-turísticos, relacionados com veículos clássicos. Ainda não expôs foi na Casa de Cultura de Santa Cruz, uma grande falha sua.

Entretanto em junho foi eleito para a Assembleia de Delegados da Ordem dos Arquitetos pelo círculo da Madeira, a sua experiência, penso que como a de qualquer arquiteto, é abrangente, e humanista, tendo como principal fundamento para a sua vida, proporcionar o bem-estar a quem o rodeia.

Nem sempre o consegue, mas, pelo menos, tenta.

Bom, agora que estão aqui apresentados os nossos palestrantes...

Manuel Rosa

Emanuel posso só interromper?

Se não se importasse de fazer uma biografia sua, agradeço.

Porque apresentou os três convidados para falarmos aqui, mas não disse nada sobre a sua biografia, e acho que quem está a assistir, provavelmente vai ter interesse em saber um pouco do que é que o Emanuel é, e o que é que o Emanuel faz na vida.

Emanuel Gaspar

Pronto, eu sou o Emanuel Gaspar, sou da madeira, nasci em Machico, estudei também no Porto, estudei na Universidade do Porto, tirei história da arte, sou licenciado em história da arte, depois tirei o mestrado em arte e património, já aqui no departamento de arte e *design* da Universidade da Madeira, a minha tese de mestrado foi exatamente sobre arquitetura, foi sobre o arquiteto Chorão Ramalho, que como sabemos tem muita obra aqui

na Madeira, portanto, tenho trabalhado e investigado na área do património, sou autor de alguns projetos de classificação de edifícios históricos da Madeira, fiz alguns inventários do património arquitetónico da Madeira, nomeadamente o inventário do património arquitetónico de Machico e do Porto Santo, tenho feito palestras sobre património móvel e imóvel, mas o meu maior interesse é, exatamente, a arquitetura e a arquitetura do período moderno, modernista e moderno, portanto, é a área que eu tenho mais investigado e mais trabalhado. Até recentemente, até ao mês passado era coordenador da casa da cultura de Santa Cruz.

Muito obrigado também, por esta sugestão, e sim, pode ser útil para que nos ouve.

Vamos passar então às perguntas aqui sugeridas, ao debate, e uma das perguntas sugeridas é a responsabilidade da arquitetura na sociedade.

Eu vou lançar esta questão, depois, quem quiser responde, mas obviamente isto tem que ser para os arquitetos, agora fica a *designer* um bocadinho à espera, sem a querer excluir, também pode intervir, obviamente, mas a responsabilidade da arquitetura na sociedade, na época moderna, na época do Chorão Ramalho, por exemplo, nos anos 40, 50, os arquitetos modernos que surgiram após o grande congresso de 1948, portanto, falavam exatamente da responsabilidade social do arquiteto, sonhavam ainda com a função social do arquiteto. Aham que essa função social do arquiteto, que era uma grande aspiração dos os arquitetos modernos, é algo que se perdeu ou ainda acham que essa função social do arquiteto, ainda é uma coisa que está muito... é uma preocupação do arquiteto? Ou hoje, já não há essa função social do arquiteto e hoje o arquiteto é mais o arquiteto vedeta, o arquiteto de construção mais de vedeta, quase escultura, e já não é a preocupação com as pessoas, e a preocupação com o bem-estar, de que o arquiteto também falava aqui na sua biografia, não é, se há essa responsabilidade social do arquiteto. E se há uma arquitetura diferente, há

uma arquitetura para quem tem dinheiro, ou uma arquitetura para as grandes obras de construção pública, e se se pode fazer obra de qualidade para uma habitação social, por exemplo. É possível fazer? E há essa preocupação social no arquiteto? Ou isso esbateu-se?

Carolina Sumares

Muito boa tarde a todos, muito obrigada Emanuel Gaspar pelas apresentações, acho que foi ótimo também se ter apresentado, acho que vamos ter aqui uma conversa, entre todos, esse é o objetivo seria também pertinente que o Emanuel participe.

Mas é de facto uma pergunta difícil e com uma resposta complexa, a primeira pergunta deste debate que é a responsabilidade da arquitetura na sociedade.

Eu acho que realmente esse papel, que os arquitetos modernistas tiveram, da responsabilidade social e que foi muito reivindicada nessa altura, e que se perdeu, durante os anos noventa, com o arquiteto como... o *star architect*, uma palavra que era muito utilizada, como arquitetos sonantes, os arquitetos podiam ser famosos, não é, e que todos os arquitetos aspiravam a ser arquitetos famosos, eu acho que neste novo decénio que se vive, estamos a voltar atrás, não é essa a aspiração principal dos arquitetos, serem uns arquitetos famosos, e acho que neste momento, um dos principais objetivos, pelo menos no meu ponto de vista, seria garantir o direito à arquitetura a toda a sociedade, não é, acho que é a luta com que nós nos debatemos, que a arquitetura realmente pode melhorar muito a forma como nós vivemos, desde a coisa que nos está mais próxima, que é a nossa casa, a uma pequena escala, até uma escala muito grande que é a do ordenamento das cidades, e os arquitetos têm uma palavra em todas estas várias escalas, não é?

Portanto, garantir o direito à arquitetura, é garantir que todas as pessoas, vivam elas onde elas vivam, estejam lá onde quer que seja, consigam viver numa casa digna, não é, como temos o direito à habitação. E isto não é uma arquitetura para pessoas ricas, não é uma arquitetura para pessoas pobres, é uma arquitetura para todos. Porque as pessoas têm o direito a viver numa casa que tenha boa iluminação, que tenha casa de banho, que tenha cozinha e que lhes permita ter as qualidades mínimas de vida, não é, que sejam confortáveis. Acho que hoje em dia era de esperar que toda a gente vivesse desta forma, numa casa confortável, que tivesse as condições mínimas. Infelizmente isto não acontece, ainda hoje em dia, todos sabemos disso, mas acho que o direito à arquitetura é um direito que deveria chegar a todos, não é? Pelo menos é esta a minha opinião.

Manuel Rosa

Eu acrescentaria, primeiro, para falar na altura do modernismo o número de arquitetos que havia, era muito reduzido, e os arquitetos eram quase colocados num pedestal e trabalhavam a maior parte das vezes para a grande encomenda pública, para a moradia de luxo, depois felizmente, com o passar dos tempos, a arquitetura, entre aspas, democratizou-se, tornou-se mais acessível, felizmente, até porque o número de arquitetos é muito grande, nós em Portugal temos vinte e seis mil arquitetos, e isso depois também levou a um outro extremo que é, serem neste momento elaborados projetos a preços de saldo, o que depois tem consequências na obra. Mas isso já são outras questões.

A responsabilidade do arquiteto na sociedade, neste momento, eu penso que é mais premente do que nunca. Mais ainda pelo covid, porque o arquiteto além de fazer a obra de arte, tem de se preocupar com a qualidade do ambiente em que as pessoas vivem e trabalham, normalmente só

pensamos no arquiteto na moradia, no lar, no apartamento, mas não, o arquiteto também é chamado para trabalhar, isto no edificado, depois também temos a parte da intervenção no território. Mas qualquer espaço que hoje em dia é trabalhado, e tem que ser pensado nisso, tem de ser projetado a pensar nisso, temos de pensar que vai ter uma qualidade do ar excelente, uma renovação do ar excelente, vai ter uma distância entre as pessoas que lhes permite estar a trabalhar sem problemas de ser infetados, por exemplo, no caso dos espaços laborais, só essa razão por si, dá uma responsabilidade acrescida à arquitetura e além disso vai dar à arquitetura um papel muitíssimo mais importante do que aquele que tem sido dado até agora, que normalmente, os arquitetos, regra geral, são um bocado esquecidos nas obras de arquitetura infelizmente, acontece um pouco isso. E eu penso que com o covid é capaz dessa filosofia que ainda existe, o arquiteto ser chamado só, "aí aquele é o artista, vem lá, só vem arranjar problemas, vem chatear por causa disto, aborrecer por causa daquilo, só está preocupado com detalhes..." O arquiteto pensa na obra como um todo, desde o rodapé, até à grande envolvente, e é por isso que penso que com o covid o arquiteto vais ser muito chamado para resolver problemas que são fundamentais para a qualidade de vida das pessoas. Inclusivamente, tem uma coisa que é muito esquecida, embora já exista legislação para isso, só que não está toda posta em prática, quanto mais qualidade tiver um ambiente, quanto menos patologias tiver um espaço onde vivemos, menos doenças há.

Portugal é dos países da Europa com mais doenças de alergias, devido às patologias de humidades e bolores que os nossos edificios têm, não só nas casas, mas também nos locais de trabalho. Quando a arquitetura é construída com qualidade, quando não é permitida a entrada de qualquer umidade dentro de um compartimento que seja habitado, essas patologias e essas doenças, deixam de existir com a intensidade que têm neste

momento, por isso, a responsabilidade do arquiteto é muito grande, da arquitetura na sociedade é enorme, mas a sociedade também tem de saber receber aquilo que arquitetos têm para dar, que é muito.

Emanuel Gaspar

E vocês acham que a sociedade está aberta, exatamente a receber os ensinamentos dos arquitetos, acham que a sociedade está cada vez, por exemplo, quando têm uma casa para fazer, para desenhar, que recorre aos arquitetos, ou recorre a um desenhador, ou um engenheiro, ou há essa preocupação, cada vez mais de recorrer a um arquiteto, porque sabe que um arquiteto tem outras preocupações, e outras preocupações também tem a ver com exatamente o que o Manuel Rosa disse.

Manuel Rosa

Eu penso que ainda não, ainda não chegamos ao ponto em que haja o recurso sempre ao arquiteto para fazer projetos. Eu lembro-me quando estava a estudar na faculdade, nas belas artes, ouvi falar que nos países Nórdicos, não era obrigatório que as pessoas recorressem ao arquiteto para assinar o projeto, só que não passava pela cabeça de ninguém chamar outro técnico qualquer, para fazer um projeto de arquitetura, só que a cultura lá, é diferente da nossa. Nós na cultura latina vamos sempre ir tentar buscar ao mais barato. Que é um bocado o Norte de África e a Costa Mediterrânica que chega até a Portugal, que a mentalidade latina, é muito parecida à mentalidade árabe de regatear sempre o preço, o que não quer dizer que não se regateie um preço de um projeto de arquitetura, mas não é ter um projeto de arquitetura quase de borla, e neste momento, é o que acontece. E quando houver uma legislação que proteja os arquitetos e as próprias pessoas,

porque um problema que nós temos em Portugal é que só é obrigatório entregar na Câmara o projeto à escala um cem, e o projeto devia ser entregue, até à fase de execução, porque depois dá muito mais garantias que a obra é executada com muito maior qualidade, com a execução vem as medições e o orçamento, e não dá espaço depois de fugir muito do valor da obra, enquanto que o projeto à escala um cem, depois o empreiteiro pega naquilo faz quase o que quer, aí, quando se conseguir que o projeto de arquitetura vá até à execução, e isso só os arquitetos é que conseguem fazer...

Carolina Sumares

Mas Manuel... Aí eu se calhar vou discordar, porque eu acho que é exatamente nesse ponto que tem de haver uma mudança de mentalidade, que é, nós sabemos hoje me dia, em Portugal, que é obrigatório contratar um arquiteto para fazer qualquer tipo de alteração numa edificação, ninguém pode alterar uma janela, uma cobertura, uma porta, sem ter um arquiteto a subscrever este projeto, ou seja, essa obrigatoriedade em termos legais, já existe, agora, na prática, o que se vê, é que isso não acontece. Ou seja, a colocação de mais leis para tornar as coisas na prática reais não é a melhor solução, penso eu, não é? Eu acho é que tem de haver aqui uma mudança de paradigma, da mais-valia do arquiteto a longo prazo, que é, temos de fazer entender as pessoas que, se fizerem um projeto que realmente esteja mais completo, em termos do resultado final da construção da casa e de outra questão que se está a falar muito agora, que é a manutenção da edificação, ou seja, nós quando pedimos um empréstimo para uma casa, estamos a falar à vinte e cinco anos, nós queremos construir uma casa, que tenha a maior durabilidade possível, durante esse período, para não termos de estar a fazer a manutenção. A contratação de um

arquiteto e uma boa aplicação dos sistemas construtivos, vai-nos fazer uma melhor garantia da casa a longo prazo, ou seja, eu acho que aqui, se calhar, começa a interessar, por exemplo, coisas que já acontece noutros países, que é as seguradoras, por exemplo, entrarem também neste mercado, conseguir compreender, que se tiverem um arquiteto como parceiro na construção, e garantir uma melhor qualidade da construção, a construção vai ser mais durável e há mais garantias sobre aquela construção, quando se quer voltar a vender, sabemos que temos mais garantias, até em termos de preço, para os bancos, ou seja, eu acho que não passa por uma legislação a nível camarário, porque essa, hoje em dia, já é totalmente adulterada, sabemos que mesmo em termos de projetos de licenciamento, em toda a nossa ilha, os projetos são alterados, e não há fiscalização sobre essas alterações, ou são construídas coisas diferentes daquelas que são entregues nos municípios, e portanto, o projeto de execução devia ser novamente uma pura formalidade, que não ia acontecer na realidade.

Emanuel Gaspar

Muito bem.

E a outra questão que eu também deixei, é possível, por exemplo, fazer um bairro social, e fazer boa arquitetura? Ou é impossível fazer um bairro social, e ao mesmo tempo fazer uma arquitetura erudita, digamos assim, uma boa arquitetura?

Manuel Rosa

É perfeitamente possível, eu fiz formações com a Passive House, que é uma associação que começou na Alemanha e que agora já está espalhada pelo mundo inteiro, nós em Portugal temos um gabinete que é o representante da

Passive House em Aveiro, um dos exemplos que eles nos deram, porque a Passive House obriga a muito mais do que a nossa legislação térmica e acústica obriga, para promover a qualidade dos espaços construídos, quer no interior, quer das trocas de energias interior/externo. A Passive House uma das coisas que faz, é uma ventilação forçada para garantir que o nível de oxigénio dentro dos espaços sejam sempre um nível considerado ótimo, nomeadamente, nos nossos quartos de dormir, quando a janela não é aberta, que muitas vezes acontece, as pessoas começam a dormir e a respirar dentro daquele espaço todo fechado, quando acordam de manhã estão cansadíssimas, porque já estão a respirar dióxido de carbono. Eles deram um exemplo de uma habitação social, um bairro social que foi feito no norte de Espanha, a seguir as normas da Passive House, que é mais-ou-menos vinte por cento mais caro que uma construção tradicional, só que recuperam no futuro, no que vai poupar a nível de energia, porque em Espanha gasta-se muito para aquecer os edifícios, os interiores, nós em Portugal temos o oposto, gastamos mais se calhar a arrefecer, embora no Continente também se gasta a aquecer, aqui na Madeira, nas zonas mais altas, a partir dos duzentos metros, trezentos, já se começa a ter esses problemas de arrefecimento no inverno, por isso, nós aqui temos de ter um misto de aquecimento/arrefecimento dos espaços interiores, e com essa tipologia de construção da Passive House com o rigor que eles obrigam, a qualidade ambiental é muito superior, e é possível fazer habitação social de qualidade, seguindo as normas da Passive House, que é considerada uma construção mais cara.

Emanuel Gaspar

Mas já nos anos sessenta, anos setenta o Chorão Ramalho, com a sua torre de habitação, onde é hoje a segurança social, mostrava que era possível

fazer uma boa construção, fazer boa arquitetura, uma interessante arquitetura, e era uma habitação com custos controlados, ou então o Goes Ferreira, não é, com o bairro da Ajuda, o bairro das Malvinas, em Câmara de Lobos, não é, mostrava que era possível fazer, arquitetura interessante, apesar de ser habitação social, não é?

Manuel Rosa

E nós no Funchal temos o bairro da Nazaré que é uma das obras de urbanismo mais, eu dizia emblemática a nível de habitação social, com a dimensão que tem, com a qualidade que tem.

Emanuel Gaspar

É um Rafael Botelho ali, teve um rasgo, não é, de genialidade, digamos assim, fazer aquela cidade jardim, digamos assim, e é um bairro onde se pode respirar à vontade, onde tem árvores, onde tem tudo, no fundo, lá dentro, onde tem todos os equipamentos, não é, até uma igreja tem no meio do bairro, tudo o que os arquitetos modernos sonhavam da cidade jardim, não é, ou a cidade radiosa.

Mas para não ficarmos só neste tema, porque há outros temas que queremos debater, não é, senão ficamos presos a este tema, que tinha muito mais que dizer, com certeza, mas, eu queria introduzir aqui, também a Fedra Espiga Pinto, não é, senão a gente só fala de arquitetura, e falava da colaboração entre artistas plásticos e arquitetos, na altura do Estado Novo, anos 60, 50, 60, havia mesmo uma lei que obrigava que um por cento do orçamento fosse exatamente para a colaboração de artistas. E isso acontecia muito, era obrigatório, esse um por cento, a que ele chamava a integração das artes, a que o estado chamava a integração das artes, e muitas vezes o

arquiteto convidava um artista para, isto é, não decorar, não é, que os arquitetos modernos tinham horror ao que era decorativismo, mas sim, integrar uma obra na sua arquitetura, não é, e bem estudado, foi o que fez o Chorão Ramalho que convidou vários pintores e escultores, nomeadamente o Lagoa Henriques, por exemplo, não é, que está muito presente na obra dele. Mas muitas vezes, eram os próprios arquitetos que faziam o *design* de interior, não é, e até bem recentemente, aliás, o Chorão Ramalho controlava muito, tudo o que se fizesse, para que esteja em coerência, entre a arquitetura e o interior, controlavam muito, e eram eles próprios que desenhavam, estou-me a lembrar, por exemplo, da igreja do Imaculado Coração de Maria, em que ele desenhou os confessionários, desenhou o banco, desenhou todos os pormenores do interior da igreja, ou mesmo, numa simples casa, como por exemplo, a casa Bianchi, havia sempre essa preocupação, não é, e até à bem pouco tempo, eram os arquitetos que faziam o design, o design de interiores, ou por exemplo, como aconteceu, como todos sabemos, o Casino da Madeira, tem o interior desenhado pelo Daciano da Costa, que era um arquiteto, mas que depois acabou por ser o pai do design português, não é, e que foi pedido mesmo que ele desenhasse para o interior o mobiliário, porque no fundo, era preciso haver esta consonância entre a arquitetura moderna, mas que o interior também fosse moderno, não é, que tivesse mobiliário moderno, era essa uma exigência dos arquitetos, Óscar Niemeyer, e do arquiteto do Porto, e portanto, era isso que se exigia, assim como se exigia, assim como aconteceu, por exemplo, com o hotel Hilton, mais tarde Madeira Palácio, também que foi desenhado, o mobiliário foi desenhado pelo mestre Daciano da Costa. Ora, essa preocupação Fedra, agora, por exemplo, a nível de *design*, há uma preocupação dos arquitetos, já não eles próprios desenharem o interior, ou não desenharem o mobiliário, sabemos que há alguns que ainda desenhavam, nomeadamente o Siza Vieira, não é, mas há essa preocupação

agora, mais dos arquitetos chamarem um designer, uma disciplina tão nova, um bebézinho, não é, mas que já vem do Daciano da Costa, não é, já não é assim tão novinho, de chamar exatamente os *designers* para desenhar o interior, seja mobiliário, seja sinalética, seja o que for, vê essa preocupação na arquitetura?

Fedra Espiga Pinto

Boa tarde a todos, este realmente é uma conversa que eu acho que vai ser muito interessante, existe aqui, exatamente, pegar nessa pergunta, existe aqui, duas áreas que parece que às vezes estão um bocadinho afastadas, e devem estar cada vez mais juntas. E eu vou ainda um bocadinho atrás, porque eles têm-me posto de parte, não foi de propósito, mas, relativamente à responsabilidade social da arquitetura, tenho aqui só a acrescentar o seguinte, numa ótica mais universal, e não relativamente a Portugal, ou à Europa, existem trabalhos muito interessantes desenvolvidos, entre *designers* e arquitetos, no caso de campos de refugiados, e, quando existem, catástrofes naturais, em que é necessário, rapidamente, repor o mínimo de bem-estar, para que estas populações não sofram todas as consequências de uma catástrofe natural, ou de um campo de refugiados, que é sempre uma coisa péssima, e existem trabalhos desenvolvidos com esta multidisciplinaridade entre designers e arquitetos, que é extremamente valiosa. Quando nós falamos na responsabilidade social da arquitetura, olhamos sempre um bocadinho para nós, e esquecemo-nos que essa responsabilidade social, quando eu digo nós, é nós os mais próximos, mas se olharmos ao nível do mundo, temos uma responsabilidade social bem mais abrangente.

Pronto, isto foi só um apontamento que eu acho que é interessante porque existem poucos eventos dessa parceria entre *designers* e arquitetos, até

porque as construções dos projetos tem um modelo que sai um bocadinho fora daquilo que é normal, quando falamos em arquitetura, porque os materiais têm de ser diferentes, porque a construção tem de ser extremamente rápida, porque tem de ter uma eficiência, um funcionalismo acima de tudo, que às vezes, quando estamos a falar em arquitetura, entramos depois por outros campos que não é só a função imediata, mas sim outras questões relacionadas com o bem-estar que o Manuel estava a falar à pouco, e bem.

Este é um apontamento em relação ao tema anterior.

Em relação ao facto de se os *designers* são convocados para trabalharem em conjunto com os arquitetos, da minha experiência, é pouco, acho que deveria ser mais, porque talvez, porque os arquitetos durante muitos anos, acabaram por ser eles a desenhar, a idealizar, todo o equipamento para o seu edifício, e para aquilo que tinham projetado, ou muitas vezes também a orientar, a coordenar alguém dentro dessa área, isso ainda se sente muito, e não só no equipamento, porque o design, relativamente à arquitetura tem outros campos de intervenção, no caso da sinalética, e recordo-me de alguns projetos em que participei, que a participação foi à posteriori, e no caso de, por exemplo, uma sinalética num edifício público, se o projeto foi desenvolvido ao mesmo tempo pelo designer e pelo arquiteto, resolvem-se imediatamente problemas que à posteriori é muito mais complicado, portanto, esta convocação dos arquitetos para o trabalho dos designers, aos poucos sente-se que isso vai mudando, mas ainda é muito envergonhado, vá lá.

Manuel Rosa

Eu posso complementar, no tempo em que eu fiz o curso, eu acabei o curso em 86, por isso, já tenho uns aninhos disto, na altura ainda não se ouvia

praticamente falar de *design*, o design era um termo desconhecido, e nós quando fazíamos o curso, aprendíamos a fazer aquilo que a Fedra disse que era, desenhávamos desde o parafuso, passando pelo mobiliário, tenho um caso concreto da igreja dos Lameiros, que fui que projetei, em que desenhei o mobiliário todo, desde os bancos, a pia batismal, o sacrário, tudo.

Infelizmente a empresa que construiu aquilo era pouco séria, e a fiscalização que na altura esteve lá, também não fez um trabalho, e temos, infelizmente, a obra ficou muito mal construída, mas tem um aspeto ainda razoável... Mas isto para dizer que, a minha formação não estava habituada a trabalhar com o *design*, porque não existia na altura. O arquiteto além de fazer o seu trabalho, que é realizar a obra, depois faz a coordenação com uma série de especialidades, que são muitas, e o *design* é uma dessas especialidades, e ainda não foi integrado como deveria ser, o *design* no projeto de arquitetura, como as outras especialidades, e na minha opinião, deveria ser, obrigatoriamente. Regra geral só chamamos algumas situações por causa da sinalética, que a Fedra apontou, mas acho que se podia aliviar muito mais a carga do arquiteto numa obra, quando o *design* fizesse parte logo ao princípio, como também chamamos o engenheiro de estabilidades, estruturas, para começar logo a fazer um pré-cálculo da estabilidade do edifício, para saber onde é que vamos contar com a estrutura, para não pensarmos que aquilo é um vão enorme, e que podemos trabalhar à vontade, e há uma série de especialidades que têm que entrar logo quase num estudo prévio, num projeto de arquitetura, o design é uma delas, e isso é uma coisa que provavelmente as gerações mais novas, que já fazem o curso, em que têm ao lado os designers, coisa que no meu tempo não tinha, quando entrei para as belas artes era arquitetura, pintura, escultura, mas provavelmente estas gerações de agora já, tiram o curso ao lado com design, já vão no futuro, quando começarem a trabalhar, já vão chamar os designers. E é algo que ainda não está muito generalizado, infelizmente, a

chamada do *designer* para fazer parte do projeto, como uma especialidade integrante do projeto de arquitetura.

Emanuel Gaspar

Um caso recente disso, que eu penso que o Rafael Botelho está feliz, que foi, finalmente depois de vinte anos, foi reconstruída a igreja de São Martinho, não, do Bairro da Nazaré, melhor dizendo, e que tem os painéis da Ilda David, os azulejos, e depois o mobiliário foi desenhado por um arquiteto, um arquiteto de Paredes, mas aqui houve uma preocupação de desenhar, consonante com a arquitetura moderna da igreja, houve essa preocupação, não há ali uma disrupção, entre uma coisa e outra, há ali uma unidade, não é, quer mesmo nos painéis modernos, readaptação contemporânea da azulejaria portuguesa, da Ilda David, e o mobiliário do arquiteto de Paredes, mas de facto, ainda hoje, mesmo ainda hoje, a igreja foi reconstruída, foi acabada recentemente e foi o arquiteto que desenhou o mobiliário de interiores, não é? Ainda é, muito fortemente, os arquitetos que desenham, que fazem o *design*, mas penso eu, eu, não sei se a Fedra me poderá desmentir que cada vez mais, talvez, haja mais essa sensibilidade para chamar o designer, não é, embora não seja ainda muito chamado, mas penso que já há mais essa consciência, não é?

Fedra Espiga Pinto

Eu pelo menos vou fazendo um esforço, para que isso aconteça, porque, e já me aconteceu, realmente, ter um projeto de sinalética de um edifício, quando ele já estava todo desenvolvido, e projetado, e depois tornou-se muito mais difícil elaborar esse projeto de sinalética, e todos os arquitetos que com quem vou falando, vou alertando para isto, mas eu sinto que há

uma sensibilidade para esse assunto, e que as coisas mudarão, com com o seu tempo, há uma consciencialização para o *design*...

Manuel Rosa

Está a haver cortes ao que a Fedra está a dizer... Mas eu de qualquer das formas gostava de perguntar à Freda, existe alguma associação de *designers* em Portugal? Ou ainda não?

Fedra Espiga Pinto

Não. Não existe. Existiu uma tentativa há uns dez anos atrás, aliás, a Guta Moura Guedes, que está envolvida [cortes no som] tornou-se extremamente complicado e ela acabou por desistir, e até agora, que eu saiba, não existe nenhuma.

Manuel Rosa

É que isso é uma pena, porque uma das coisas que a secção da Madeira dos arquitetos, e mesmo a ordem dos arquitetos a nível nacional pretende fazer, é criar elos muito fortes com todos os parceiros sociais, quer seja engenharias, quer seja, no caso da Madeira temos a ACIF, a ASSICOM e a AMRAM, mas também por exemplo os *designers*, aqui na Madeira não existe nenhuma delegação dos paisagistas, também é fundamental haver essa relação, e aí as ordens, ou os seus representantes, neste caso a secção aqui na Madeira são fundamentais para criar esses elos, e isso é fundamental, acho que seria ótimo, haver uma ligação muito forte entre a secção regional da Madeira e a ordem dos arquitetos, e os designers que estão cá na região. Nem que façam uma associação regional, nem que seja

uma coisa não instituída mas juntarem-se todos para contactarem os parceiros sociais, isso é uma forma de ganharem cada vez mais peso na sociedade, o que é fundamental, isso tem de ser conquistado a pulso e têm de ser vocês a fazer isso.

Emanuel Gaspar

E mais, peço desculpa, para a Madeira tem mais utilidade ainda, porque um dos primeiros cursos superiores a existir na Madeira foi exatamente o curso de design, para além de pintura e escultura, como vocês sabem, o Instituto de Artes Plásticas, criou um monte de designers aqui na Madeira, e há montes de designers aqui na Madeira formados exatamente pela hoje, Universidade da Madeira.

Manuel Rosa

E depois temos uma vantagem aqui na Madeira, a Madeira é um meio pequeno, e eu acho que tem mais vantagens do que desvantagens, em que acabamos todos por nos conhecer, em que torna estes intercâmbios, estas relações entre várias profissões muito mais fáceis, acabamos por nos conhecer todos uns aos outros e isso é um fator muito positivo para haver essa dinâmica que até agora não tem havido, mas claro que tem de haver conversas entre todos, e é os designers a puxar as orelhas, digamos assim, aos arquitetos e outros especializados que habitualmente ainda não chamam o designer, tem que ser cada vez mais chamado.

Fedra Espiga Pinto

Claro que sim, é preciso ter mesmo o reflexo de como o design tem muitas fragilidades ainda, que têm de ser resolvidas, do ponto de vista de profissão, pelo facto de ser realmente muito recente, muito... considerada ainda, uma profissão recente, até à bem pouco tempo não aparecia nos recibos verdes, quem queria passar um recibo verde na área do design não existia.

Manuel Rosa

O design no desenho de mobiliário é fundamental, porque o designer estuda ergonomia, coisa que nenhum arquiteto estudou, o arquiteto pega nos manuais habituais, mas regra geral, o mobiliário desenhado pelos arquitetos, não respeita as regras básicas de ergonomia, e muitas das vezes o que acontece, quando aparece uma peça de mobiliário, uma cadeira, que é a coisa mais simples que pode parecer, à vista, mas não é, desenhar uma cadeira confortável para várias idades, desde a criança até ao adulto, é um exercício de design complicadíssimo, e a maior parte dos arquitetos, quando desenhavam uma peça de mobiliário, uma cadeira, regra geral a cadeira é muito desconfortável, porque não têm o conhecimento que o designer tem, nem tem o investimento de pesquisa e de estudo que o designer tem, porque é esse o seu motivo de trabalho, enquanto que o arquiteto tem uma visão mais ampla e mais abrangente, por isso, é que eu acho que é a cada vez mais fundamental chamar o designer.

Emanuel Gaspar

Eu sei que, por exemplo, um arquiteto tentou desenhar, ou desenhou, para o interior do pátio dos estudantes da universidade da Madeira, do colégio,

aqueles bancos que estão lá no claustro, aquilo não correu bem, portanto...
daí a importância do designer, chamar o designer.

Mas pronto, para não cingir a questão aqui, há aqui outras questões e o tempo urge, o tempo passa e já vamos, só falta apenas um quarto de hora, isto é rápido, e portanto, eu gostava de abordar outras questões que aqui nos foi colocadas para reflexão, eu vou passar para uma questão aqui, vou passar senão a gente para aqui durante muito tempo, e não vale a pena, vou passar aqui a uma questão, se a arquitetura é arte, acho que estamos todos de acordo que a arquitetura é arte, não é só apenas construção, é uma questão filosófica, mas acho que é clara que a arquitetura é arte, pronto, não é só construção, é arte, todos nós sabemos e por isso é que há uma formação e as pessoas têm uma formação para que a arquitetura, é uma arte exatamente, como a pintura, a escultura, o design...

Manuel Rosa

Emanuel, Emanuel só um pequeno parênteses, o Fernando Tabra dizia que a arquitetura, a diferença que tinha relativamente às outras artes, é que as outras artes são para ser apreciadas, a arquitetura é uma arte que é para ser vivida por dentro e por fora..

Emanuel Gaspar

Mas também é apreciada...

Manuel Rosa

Sim, mas além disso, além do apreciar a beleza, apreciar a beleza da peça de arquitetura, é uma obra de arte que as pessoas vivem dentro e vivem

fora, durante muito tempo, por isso é uma arte... ele dizia porque a arquitetura tem quatro dimensões que é, as três habituais mais o tempo, que é o tempo de vida que a obra tem.

Emanuel Gaspar

E isso só a arquitetura pode conseguir, não é?

A gente pode habitar um quadro, mas de uma forma metafórica, não é, e eu às vezes habito um quadro, não é, mas não propriamente da forma real, mas metafórica.

Mas vou aqui a uma questão importante, que esta sim é importante, e o tempo urge, todas são importantes, mas esta aqui é pertinente que é a reabilitação das cidades, a reabilitação das cidades e olhando para o vosso Funchal, é uma dor de alma, digo eu, penso que para a maior parte de vocês também, passar nas zonas velhas, ou pela baixa do Funchal, está espalhado um pouco por todo o lado, é ver a degradação dos nossos edifícios, não é? É a degradação dos edifícios, é a degradação do nosso património, a degradação das casas, não é, e que ninguém as habita, as casas de repente, parece que foram desabitadas, o centro do Funchal parece que ficou completamente desabitado, e só há serviços no centro da cidade, e cada vez mais vemos casas degradadas, e casas a degradar, casas completamente abandonadas que até com os tapa-sóis abertos, com tudo aberto, até há os problemas dos sem abrigo que podem-se apossar de algumas casas, e entrando também as intempéries pelas janelas adentro, ajudando também à degradação desses edifícios, e portanto, a baixa das cidades, e o Funchal é exemplo disso, degradou-se muito, com os alojamentos locais, nomeadamente em Lisboa, não é, houve uma recuperação dessas baixas da cidade, não é, para o turismo, não é, mas até que ponto isso foi benéfico, não é, até que ponto, essa tomada pelos turistas da baixa das grandes

cidades, como Lisboa e Porto foi benéfico. Sabemos que tem havido muitas consequências, não é, e nomeadamente afastar os habitantes dos centros das cidades para as periferias, não é, e tornando o centro das cidades a preços exorbitantes e não podendo ser habitado nem pelos jovens, e nem sequer pelas pessoas que lá viviam, não é.

Portanto, têm estas duas faces da moeda, recuperou-se a cidade, digamos assim, mas tornou-se ela inabitável para as pessoas, para os cidadãos que lá viviam. E portanto, o que fazer, por exemplo, ao centro histórico da nossa cidade, de São Pedro, da zona velha, no fundo, um pouco, toda a baixa da cidade do Funchal, antigamente talvez fosse mais a zona velha, hoje é espalhado um pouco por toda a cidade, onde se vê, de facto, uma degradação acentuada dos edifícios.

O que fazer exatamente para recuperar esta cidade, para recuperar estes edifícios, e levar as pessoas a voltar a habitar o centro da cidade, e não viverem em apartamentos, construídos à pressa nos arredores da cidade? Como levar as pessoas outra vez, a habitar o centro das cidades e como recuperar esse centro.

Não sei, talvez o Manuel Rosa que trabalha na Câmara, o arquiteto, queira ser o primeiro a dizer alguma coisa, talvez tenha muito mais experiência que a Carolina.

Manuel Rosa

Temos ambos experiência, pois ambos sofremos na pele, quer de um lado ou de outro da barricada.

Eu diria que aquilo que abordou relativamente ao alojamento local, o grande problema que houve em Lisboa, no Porto já houve alguma tentativa de controlo, é que devia haver uma definição, de uma percentagem máxima de alojamento local em determinada zona, até porque o turista que vem

para o alojamento local, vai à procura do típico, e quando ele chega a uma determinada rua que já foi típica, e continua com o aspeto de típico, mas deixou de ter o habitante que vivia lá, que estendia a roupa na janela, ele chega lá e fica completamente desiludido porque deixou de fazer aquela vivência do dia a dia do típico, da cultura das pessoas que lá viviam. Por isso, penso que é fundamental, é numa situação dessas, definir uma percentagem máxima de alojamento local, mesmo sob pena de haver alguns prédios que possam a não vir a ser recuperados.

Relativamente à degradação que nós temos neste momento no património, principalmente de habitação, porque existe outro também mas no centro, nós neste momento temos um problema grave, que é um problema de uma economia que está em baixo, estando em baixo, nós estamos a atravessar uma crise económica grave, os proprietários desses prédios, não têm poder de recuperar o prédio, mais ainda sabendo que não há depois a possibilidade de o vender, porque a procura não é muita, e aí, infelizmente o nosso estado, também não é um estado rico, porque se o fosse, poderia haver era o estado arranjar forma de adquirir esses prédios, recuperava-os e depois transformava-os em habitação, que era fundamental para que as cidades não ficassem desertificadas. Quando foi feito o PDM anterior a este, eu na altura acompanhei a equipa de Lisboa que esteve cá a fazer o PDM e uma das sugestões que fiz é, qualquer prédio que seja recuperado, penso que era 97 PDM, exatamente, qualquer prédio que fosse recuperado no centro da cidade, tinha que ter uma percentagem mínima de habitação, nem que fosse um apartamento, porque já na altura se começava a sentir que o Funchal à noite ficava quase vazio, e então com a vinda dos centros comerciais... Porque era tradição as senhoras passearem à noite nas ruas do Funchal a ver as montras, eu lembro-me de o meu colega dizer, “eu não percebo, eu vou às onze da noite para o Funchal, e vejo as senhoras a

passar calmamente com a carteira na mão, sem problemas nenhuns, em Lisboa eram logo assaltadas...”

Além da tranquilidade de passear nas ruas a ver as montras, era o facto de haver também a segurança, e com o aparecimento dos centros comerciais, esse foi o grande problema para o comércio citadino, embora também considere que o Funchal pode ser um centro comercial a céu aberto, quase, se calhar com alguma proteção de alguma chuva, de algum sol com estruturas ligeiras, em que permitam no caso de haver algum incêndio, o carro dos bombeiros chegar lá e atacar facilmente o incêndio mesmo que destrua essa estrutura, fazer quase galerias nas ruas citadinas do centro do Funchal, e transformar o Funchal num centro comercial aberto, o Funchal tem clima para isso. Mas se calhar o problema da degradação da construção passa se calhar por aí, por o estado ser mais interventivo, dar uma compensação monetária ao proprietário do imóvel que seja razoável, não vai comprar aquilo, ou adquirir aquilo de uma forma, não é coerciva, mas é quase, é chegar a um acordo para comprar, adquirir o imóvel, e depois, conseguir ter capacidade para recuperar e vender. Porque hoje em dia, o estado cada vez mais, fica com menos habitação social, porque a habitação social sempre foi um problema grave na manutenção, e por isso, é que o estado começou a vender muita da habitação social para poder construir outras novas, porque gastava fortunas em manutenção, porque aquilo, os apartamentos não eram de quem estava a habitar lá, e muitas das vezes, não tomavam cuidado nenhum com a manutenção. Aliás, até muitas vezes os estragavam. Quando passa a ser deles, já começam a ter cuidado com o seu apartamento. Mas essa poderia ser uma possibilidade, ser o estado a fazer esse papel como ajudas comunitárias e a voltarmos a ter a população residente no centro do Funchal com as esplanadas, eu acredito que vai voltar a ser possível ter a vida nas esplanadas, porque acredito que vamos combater o covid e vamos ultrapassá-lo.

Emanuel Gaspar

Muito bem.

Vou introduzir aqui um comentário da arquiteta Susana Gouveia Jesus, que está aqui no debate e que serve exatamente para, que vem ajudar a esta nossa discussão, portanto, “o Funchal, tem desde algumas décadas, olhado para a cidade antiga, como valor a preservar. Preservar alguns dos seus edifícios, a qualidade dos espaços públicos e elementos que contribuem para a definição do seu carácter. Isto já desde o Rafael Botelho, não é, que se fez exatamente um inventário dos principais edifícios, ou da malha urbana da cidade do Funchal, já pelo António Aragão, também muito interessado nestas coisas da preservação de património. Apesar de já ter feito alguma coisa com vista à absorção do objetivo de requalificação destes elementos, como é o caso da delimitação da ARU (Áreas de Reabilitação Urbana), ou até de um levantamento sumário feito pelo extinto Gabinete da cidade, não se consegue ainda perceber, quais são os parâmetros de restauro, requalificação, amplificação, ou mesmo, novas intervenções dentro da ARU. Digo isto, porque temos verificado intervenções em edifícios antigos que nos fazem ficar com saudades das ruínas que ali existiam antes, ou seja, isso me aconteceu a mim, por exemplo, na praça do Carmo, que havia ali um edifício tão bonito do século XVIII, com uma pequena torre avista navios, e que agora está lá, um edifício inenarrável. Digo isto, porque temos verificado intervenções em edifícios antigos que nos fazem ficar, já tinha dito dito, com saudades dos edifícios que ali existiam antes. Ou seja, julgamos que uma parte significativa das intervenções feitas em património existente, não obedece a critérios orientadores, e duvida-se até, que algumas tenham sido conduzidas por arquitetos sobretudo quando não carecem de processos de

licenciamento.” O que é que me dizem disto, deste comentário da arquiteta?

Manuel Rosa

Carolina, fala tu, se faz favor, já agora.

Carolina Sumares

Se calhar vou chegar aqui, mas volto um bocadinho atrás, porque há aqui uma dicotomia, nesta questão da reabilitação que é, por um lado sabemos que há muitos edifícios abandonados, não é, e por outro lado, quando tentamos comprar uma casa no centro do Funchal, eu não tentei, mas tive amigos próximos que tentaram, não conseguem comprar. Há aqui um problema da questão de heranças, não é, é um problema nacional, não é, que as casas quando morrem os proprietários ficam divididas entre os vários filhos, alguns filhos emigrados, aqui na Madeira temos essa agravante, e as casas ficam por vender, porque eles depois não querem vender, porque há uma parte sentimental, por inúmeras razões, não é, porque acham que nos centros as casas têm que valer, tem que ter um valor monetário muito mais elevado, que aquilo que é, as casas acabam por ficar em ruínas, por se perder, e isso realmente dá-me uma pena enorme, que o estado não tenha a capacidade de intervir sobre isto, de retirar as casas, aos proprietários, ou colocar um imposto muito elevado, para que eles sejam obrigados a vender as casas, quando não as estão a... ou aumentar o IMI, que sei que neste momento já há uma agravante para o IMI das casas que estão em ruínas, mas como sabemos, depois aqui entram questões políticas, e muitas vezes os presidentes acabam por não avançar com estas agravantes fiscais, para não perder votos, e pronto, há aqui questões, muitas vezes de

legislação, que eu acho que deviam ser melhoradas para ajudar. Realmente é uma pena, e isto voltamos atrás àquilo que já estivemos a falar, sobre os licenciamentos, que a fiscalização permita que sejam feitas alterações significativas nos edifícios sem haver um licenciamento, não é, principalmente nestas zonas históricas, que são zonas mais sensíveis, em que há elementos fundamentais a preservar, as torres avista navios, as caixilharias, nós por exemplo, se compararmos o Funchal com, ou a Ilha da Madeira com os Açores, os turistas dos Açores, dizem que realmente, quando vão aos Açores, eu infelizmente não conheço os Açores, mas que as cidades estão muito mais bem preservadas, no seu património histórico do que a Madeira, não é, porque eles têm obrigações, em termos arquitetónicos, que nós aqui na Madeira não temos, e acho que também é isso que a arquiteta Susana está a falar, que é o facto de os planos ARUS não serem específicos, ou detalhados o suficiente para impedir que caixilharias de madeira, caixilharias de guilhotina belíssimas se possam manter, as formas dos telhados, as próprias cantarias, não é, roubam as cantarias que fazem os vãos das casas, para ir vender a pedra, e depois colam lá umas lajetas a imitar pedra, qualquer pessoa que tenha um bocadinho de entendimento do que é que é património, sabe que, estamos a perder um valor inestimável, não é, quando se faz recuperações deste tipo. Neste caso, quase que é melhor deixar a ruína, eu estou a ser muito extrema, não é, e se calhar muitas pessoas não compreendem, mas quase que era melhor deixar a ruína, do que fazer uma reabilitação deste género, porque estamos a falar de casas com mais de cem anos, património de um valor inestimável, não é, porque não podemos voltar a fazer casas com aquele valor e que estão a ser destruídas, um bocado, talvez por uma certa ignorância, da época em que vivemos, olhamos para o valor só económico.

Emanuel Gaspar

Eu acho que a Carolina tocou num ponto essencial, acho que no estado devia haver algum instrumento de retirar a casa, aos proprietários, eu sei que isto parece um bocado ditadura, não é, parece quase um bocado até espartano, mas, devia haver qualquer instrumento, porque muitas vezes a pessoa tem a sua casa, não é, pode haver o problema de herdeiros, com certeza, mas eu conheço gente que tem uma casa no centro do Funchal, ela está fechada, está abandonada, tem as janelas abertas, mas acham que aquilo vale cinco milhões, e portanto, mais vale deixar ali à espera do futuro, e depois chega ao ponto, em que ela já está em ruína, e portanto, ficam sempre à espera que valha mais, um exemplo disto, é aqui o antigo Instituto Superior de Belas Artes da Madeira, que estava quase a cair em ruínas, a própria universidade da Madeira queria comprar, mas o proprietário achava que aquilo valia milhões e a universidade não tinha maneira de comprar aquele antigo edifício que pertenceu à universidade, portanto, há esse ponto, não é, da soberba, digamos assim, da ganância, não é, e devia haver alguma maneira, do estado, não é, de chegar e portanto, se aquele edifício não é recuperado, se aquele edifício está pondo em risco, não só a integridade do edifício, mas de todos os edifícios contíguos e da própria cidade, portanto, o estado tem que ter aqui um papel mais preponderante, e um papel mais decidido em de alguma forma, obrigar, não retirar simplesmente, não é, isto aqui também não é uma ditadura comunista, não é, mas de alguma forma, obrigar, através de leis, a que o proprietário ou venda, ou desfaça-se, ou faça qualquer coisa, mas não deixe o edifício se perder, não é. E um dos instrumentos, como diz aqui a arquiteta é uma questão política, um dos instrumentos, como algumas cidades do país, e da Europa têm feito é, aumentar, cada vez mais aumentar o IMI, primeiro dobra, depois triplica, vai à medida que o edifício vai

passando os anos e não é recuperado, não é, de forma que o proprietário se veja obrigado ou a recuperar ou a vender a alguém que o queira recuperar.

Manuel Rosa

Eu vou ser muito breve, eu penso que uma das formas de ter apoio legal, era o assumir a saúde pública, porque quando um prédio se degrada, e nós tivemos esse caso quando foi o incêndio, quando ele deixa de ter o telhado, facilmente ele é um ninho de dinamite que está ali, e que pode alastrar para as outras casas contíguas, além dos problemas de ratos e isso, para a saúde pública também é muito grave, penso que pode haver é um prazo dado ao proprietário para recuperar a casa, para reabilitar a casa, ou o prédio, não cumprido esse prazo, assumindo a saúde pública como fator primordial, o estado tomaria conta desse prédio, pagando um valor que seria acordado, mas nunca, aqueles valores exorbitantes que normalmente as pessoas pedem, para fazer reabilitação do prédio, ou para dar a reabilitar, porque também pode fazer um concurso público, em que podem aparecer empresas para, como se faz com a habitação de custos controlados, mas acho que seria pelo caminho da saúde pública e da segurança das populações, o fundamental, o argumento fundamental para ter uma base legal.

Fedra Espiga Pinto

Vou só acrescentar o seguinte, muito rápido, a Câmara Municipal de Lisboa, lançou um programa que é sustentável, em que apoia os proprietários que não têm condições financeiras para reabilitar os edifícios, e apoia com algum investimento, mas com uma condição, as rendas têm de ser acessíveis a todos, e resolve aqui dois problemas, juntando isto, com o que o Manuel Rosa acabou de dizer, acho que tínhamos aqui uma solução,

com essa condicionante, com o apoio e com uma perspetiva de saúde pública, em vista, e provavelmente resolvemos não todos os problemas, mas alguns.

Manuel Rosa

Mas nós em Portugal temos a legislação para a reabilitação urbana, principalmente nos tecidos históricos, só que depois, como tem essas condicionantes, os proprietários não querem reabilitar, porque depois ficam condicionados.

Fedra Espiga Pinto

Mas em Lisboa foi um sucesso. Tem uma lista de espera de pessoas que querem o apoio da Câmara para entrar neste processo.

Manuel Rosa

Mas aqui no Funchal isso não aconteceu, porque as pessoas não querem depois estar a ficar condicionadas por alguma exigência que a legislação dá. Infelizmente isso aconteceu. Preferem ficar com aquele diamante que está todo partido guardado, à espera que um dia apareça ali um fulano que vem do Dubai ou qualquer sítio, para intervir ali...

Fedra Espiga Pinto

Mas se elas tiverem um prazo limite para resolverem o problema, de alguma forma vão ter de resolver, ou com o apoio da Câmara, ou entregando o património.

Manuel Rosa

Isso é que eu acho fundamental, é dar um prazo, estipular um prazo e alegar a saúde pública a segurança da população, para fazer a recuperação, não reabilita, reverte para o público, e depois é ressarcida, os herdeiros, a maior parte dos herdeiros, como dizia a Carolina, são uma quantidade de herdeiros, muitas vezes não se entendem entre eles, nesse caso depois seriam ressarcidos com um valor, que seria estipulado e acordado, nem que fosse em tribunal. Embora os tribunais também demorem muito tempo a resolver problemas.

Emanuel Gaspar

Deviam ter um mediador para estabelecer um prazo, um preço aceitável, não é, e depois também há esse problema, são muitos herdeiros, e depois há um que impede que se faça alguma coisa daquele edifício, não é, também tem esse problema, que não se consegue ultrapassar.

Manuel Rosa

E essa pessoa põe em risco a segurança de todas as pessoas que vivem naquela rua.

Emanuel Gaspar

Bom, eu sei que a conversa está muito animada, eu também queria dizer muito mais coisas, havia mais coisas aqui a falar e a debater, e é ótimo estar aqui a falar com vocês, porque vocês são excelentes palestrantes, mas o

tempo urge, e já ultrapassei o limite, não sei se vou ter alguma coima por isso, não vão aumentar o IMI da minha casa, espero, mas portanto vamos terminar, com alguns pensamentos finais, não é, portanto a nível da responsabilidade da arquitetura na sociedade, chegamos à conclusão que de facto há cada vez mais responsabilidade, que se nos anos 90 perdeu-se essa responsabilidade para o arquiteto vedeta, agora não, agora há mais atenção para a responsabilidade social do arquiteto, e de que é importante a arquitetura na construção, cada vez mais é importante que se chame sempre um arquiteto para qualquer construção, mesmo que seja para habitação social, mesmo que seja para uma casa simples, e essa é também a intenção dos arquitetos, parece-me, que os arquitetos tenham cada vez mais essa ligação com a população em geral, depois, falamos de arquitetura e a arte, claro, mas isso não havia dúvida nenhuma que a arquitetura era arte, falamos da colaboração entre designers e arquitetos, cada vez é mais importante, de facto, que haja essa comunhão entre o design e a arquitetura, não é, sendo disciplinas diferentes, mas são disciplinas que se complementam, não é, mas cada um tem a sua especialidade, não é, e é importante que os arquitetos chamem os designers para a sua obra, e o contrário também, haver essa comunhão entre uns e outros, não é, isso é importante. E falamos também da importância, da pertinente importância da reabilitação das nossas cidades não é, nomeadamente do Funchal, não é, que se encontra com a baixa do Funchal, está degradada como todos nós sabemos, e que, o problema, não é muitas vezes dos partidos, não é, mas é muitas vezes, sim, da legislação em si, não é, de problemas que também têm a ver com problemas sociais, problemas também de justiça, não é, é um leque, não se pode apontar e afunilar que a culpa deste ou daquele, mas sim duma toda sociedade, digamos assim, mas que é preciso fazer alguma coisa, nomeadamente ficou aqui a ideia de os estado ser mais interventivo, não é, de haver um poder legislativo ou outro qualquer, não é, que de

alguma forma obrigue, não é, ou que de alguma forma leve a que o proprietário recupere o seu património, não é, e alegando também a saúde pública, não é, alegando exatamente o problema de haver problemas para toda uma cidade, se o edifício não é reabilitado, porque isso vai condicionar toda uma rua, ou mesmo, toda uma cidade, não é, e portanto, é importante de facto, que haja instrumentos legais, e que o estado seja mais interventivo, não é, para que a reabilitação das cidades seja uma realidade. Para além de, de facto, aquilo que é a ideia que deu o arquiteto Manuel Rosa, do Funchal quase ser um centro comercial ao ar livre, e é com certeza com o bom clima que a Madeira tem, é preciso tirar partido disso, mas não pode ser só isso, não é, o Funchal não pode ser só um centro comercial, mas tem de ser também habitável, senão as cidades morrem, se não são habitáveis, não é.

E portanto, aqui ficou estas ideias, que me parecem ideias interessantes, para as questões da arquitetura e do design na Madeira, em Portugal ou no Mundo.

Muito obrigado pela vossa presença, e espero que tenham gostado e que eu não tenha sido um moderador chato.

Muito obrigado.